

A MASSIFICAÇÃO NO TROFÉU SÃO PAULO DE GINÁSTICA

ARTÍSTICA: TEORIA OU PRÁTICA?

Cindy Santiago Tupiniquim¹

Michele Carbinatto²

Luiz Henrique Duarte³

Paulo Daniel Sabino Carrara⁴

Priscila Lopes⁵

Fransergius Olivari Gebara⁶

Clayton Xavier de Carvalho⁷

Rodrigo Sampaio Caron⁸

Mariana Harumi Cruz Tsukamoto⁹

RESUMO

Muito se discute na Pedagogia do Esporte sobre as condutas para o melhor encaminhamento do processo de competição e em qual idade do praticante isto seria mais adequado para garantir seu desenvolvimento pleno. Pensando nisto, a Federação Paulista de Ginástica criou o Troféu São Paulo (TSP), para estimular a prática da Ginástica Artística (GA) em todos os níveis e faixas etárias. Mas será que o TSP atende a essa função? Para responder tal indagação, elaboramos uma entrevista semi-estruturada com questões abertas e aplicamos aos técnicos participantes deste torneio. Os técnicos versaram opiniões sobre o TSP, objetivos e critérios para participação no mesmo. As respostas foram analisadas através da Análise de Conteúdo de Bardin (2004). Constatamos que, em geral, os técnicos concordam que o evento é importante para os ginastas pela forma de elaboração do regulamento, ao oferecer progressão de níveis, e por premiar todos os participantes. Não permitir a participação de ginastas que não realizam séries completas ou séries nos quatro aparelhos é escolha

¹ Bacharel em Esporte - EEFE USP

² Doutoranda em Pedagogia do Movimento Humano - EEFE USP

³ Mestre em Pedagogia do Movimento Humano - EEFE USP

⁴ Mestre pela Universidade do Porto

⁵ Mestre em Pedagogia do Movimento Humano - EEFE USP

⁶ Bacharel e licenciado em Educação Física – EEFE USP

⁷ Especialista em Treinamento Desportivo – Univ. Gama Filho.

⁸ Especialista em Pedagogia do Esporte Escolar - UNICAMP

⁹ Doutoranda em Educação Física - EEFE USP

dos técnicos, uma vez que o regulamento não faz esta restrição. Restou-nos a dúvida: seria apenas o modelo de competição ou os treinadores também contribuem para impedir a massificação do TSP?

Palavras-Chave: Ginástica Artística. Competição. Massificação.

The mass participation in the “Troféu São Paulo” of Artistic Gymnastics: theory or practice?

ABSTRACT

It has been widely discussed in Sports Pedagogy about the best ways to lead the competition process and which practitioner's age it would be more appropriate to ensure its full development. About this issue, the Gymnastics Federation of São Paulo has created the “Troféu São Paulo” (TSP) to stimulate the practice of Artistic Gymnastic at all levels and ages. But does the TSP serve this function? To answer this question, we developed a semi-structured interview with open questions and apply to coaches who participate in this tournament. The coaches reported their opinions on the TSP, goals and criteria for participation. Coaches' answers were analyzed by means of the Content Analysis of Bardin (2004). We verified that, in general, coaches agree that the event is important for gymnasts, both because of the structure of the regulation, which shows the progression of levels, and to reward all participants. Furthermore, the non-participation of gymnasts who do not perform full routines or routines on the four apparatus is a choice of the coach, because the regulation makes no such restriction. However we still have a doubt: it would be just the competition model presented or coaches and entities also contribute to avoid mass participation in TSP?

Keywords: Artistic Gymnastics. Competition. Mass participation.

INTRODUÇÃO

O conceito de competição é evidente no cotidiano da sociedade e torna-se explícito no ambiente esportivo, exigindo dos atletas a obtenção de resultados, revelando vencedores e derrotados. Sendo a competição um fenômeno cultural e social proveniente do desafio, da disputa e da possibilidade de obtenção de sucesso, ela é considerada o ápice da manifestação esportiva, que demanda dedicação, esforço e grande tempo de preparação do esportista (ROSE JUNIOR, 2002).

Porém, o esporte não é voltado apenas para o rendimento, uma vez que abrange praticantes de todas as idades, com variados níveis de habilidade, pois apresenta diferentes funções, entre elas a formação, a educação, o desenvolvimento do indivíduo e por fim, a situação de competição (GAYA, MARQUES & TANI, 2004).

Segundo Machado (2006), a competição esportiva é um dos fatores responsáveis pela formação da personalidade da criança e pela estruturação de seus comportamentos sociais. No processo inicial de formação esportiva, durante o desenvolvimento da criança, a presença da competição influenciará na organização de valores que serão incorporados

posteriormente à fase adulta (BOMPA, 2002; ROSE JUNIOR, 2002; GAYA *et al.*, 2004). A inclusão equivocada da criança ao ambiente competitivo dificilmente fará com que ela reaja de uma forma neutra e tal falha poderá levá-la ao abandono da prática esportiva, e ainda, trazer conseqüências às suas relações interpessoais ao longo da vida (CRATTY, 1984; BOMPA, 2002).

Desta forma, a pedagogia do esporte discute quais condutas deveriam ser seguidas para o melhor encaminhamento do processo de competição e em qual idade do praticante isto seria mais adequado, a fim de garantir o desenvolvimento pleno da criança (GALLAHUE & OZMUN, 2005; WEINBERG & GOLD, 2001; BOMPA, 2002). Para Bompa (2002), a participação da criança em competições deve ocorrer de forma progressiva. Em fases iniciais da formação esportiva, as competições deveriam se basear na satisfação e no prazer em realizar a atividade, para posteriormente inserir a criança nas formalidades da competição.

É por este motivo que se dá grande importância à elaboração de adaptações no estilo da competição dos jovens praticantes. Estratégias como mudanças nas regras e nos objetivos da competição, até a adequação do ambiente e do material utilizado pela criança, são utilizadas para tornar o evento compatível com a fase de desenvolvimento na qual a criança se encontra (ARENA & BÖHME, 2004).

Apesar de serem feitas recomendações quanto aos formatos competitivos, cada modalidade esportiva possui regras e exigências próprias para inclusão dos jovens neste processo formal. No caso da Ginástica Artística (GA), observa-se que a competição é introduzida em estágios iniciais da prática, ainda que em formatos diferenciados como festivais ou competições adaptadas, tanto pelo fato da modalidade acolher alunos em idades bastante tenras, como pela necessidade de adaptar os praticantes, desde cedo, aos regulamentos das competições organizadas para as categorias principais (ARENA & BÖHME, 2004).

Porém, é importante lembrar que nem todo praticante de GA é um atleta. Segundo Lopes (2009), a GA pode ser praticada sob dois diferentes pontos de vista. Um deles é a prática da Atividade GA, de caráter formativo, voltada ao desenvolvimento de habilidades motoras através dos movimentos ginásticos, e o outro é a prática do Esporte GA, de caráter competitivo, que visa o alto desempenho em competições formais, a perfeição nos

movimentos e a dedicação exclusiva à modalidade. Quanto a Atividade GA, vale atentar que consideramos como iniciantes aqueles que são novatos na prática da modalidade. Entretanto, muitas crianças e adolescentes se mantêm na prática da atividade GA por longo período, trabalhando ainda, apenas os fundamentos ginásticos, não sendo mais consideradas iniciantes. Em ambos os contextos, as entidades organizadoras do esporte, sejam elas Confederação, Federação ou Liga Esportiva, têm o papel de fornecer a competição a seus praticantes de GA.

Em São Paulo, a Federação Paulista de Ginástica (FPG) e seu comitê técnico elaboram os regulamentos de cada competição que promovem, desde competições adaptadas até os campeonatos estaduais das categorias Pré-infantil, Infantil, Juvenil e Adulto (FPG – Estatuto Vigente, 2003). Eventos como os Campeonatos Estaduais, são voltados às categorias competitivas, que de acordo com Sawasato e Castro (2006), seguem normas e exigências da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), com o objetivo de conduzir as crianças e os jovens de potencial ao rendimento. Por outro lado, existem campeonatos da FPG que são descritos como direcionados a todos os praticantes de GA, incluindo aqueles que se enquadram no contexto da Atividade GA. É o caso do Troféu São Paulo (TSP), evento adaptado em relação ao modelo formal de competição e que tenta adequar-se às características de seus participantes, tanto em relação ao nível de habilidade, quanto à faixa etária de cada um.

O Troféu São Paulo – TSP

A FPG é responsável pela elaboração de estratégias que facilitem a participação de um maior número de ginastas em seus eventos. De acordo com o regulamento do TSP, do ano de 2008, sua realização tem como objetivo: “Estimular a prática de ginástica artística em todos os níveis e faixas etárias. Orientar os profissionais, dando diretrizes para o desenvolvimento e evolução técnica na preparação de ginastas iniciantes.” (p.1).

Nesta competição, permite-se a participação de ginastas a partir dos seis anos, sem limite máximo de idade e por este motivo, o TSP possui uma categoria adicional em relação

aos campeonatos estaduais da FPG, a categoria Mirim, que acolhe as crianças com idade entre seis e oito anos.

Para a competição feminina, especificamente, os níveis de participação são divididos em A, B e C, sendo o nível A o mais complexo e o nível C o mais simples. O regulamento permite que o professor opte em qual dos três níveis a ginasta participará no evento, desde que esteja condizente com a categoria a qual ela pertence. A categoria Mirim, por exemplo, permite a participação apenas nos níveis B ou C.

Os graus de dificuldade das séries do TSP visam à progressão das habilidades da ginasta. Ao atingir 54 pontos na competição, automaticamente a criança irá para o nível acima em sua próxima participação. Porém, a passagem de nível não é dependente da pontuação. Há a ressalva de que mesmo a ginasta não alcançando a pontuação exigida, o professor tem a opção de promovê-la para outro nível no ato da inscrição.

Apesar de serem admitidas crianças em diferentes níveis de habilidade, o TSP não consente a participação de ginastas que competiram em Campeonatos Estaduais, Nacionais ou ainda, aquelas que competiram na Copa São Paulo¹⁰ (exceto as participantes do nível Iniciante que obtiveram menos de 54.00 pontos), limitando a participação de crianças que já praticam o esporte em um caráter mais formal e tornando o evento exclusivo dos iniciantes e dos praticantes da Atividade GA.

No TSP, as crianças podem se apresentar nos quatro aparelhos da modalidade, mas nem todos os materiais são de dimensões ou formatos oficiais. Alterações como a altura da trave, o uso de apenas um barrote da paralela, uma pista reta de solo, que pode ser de colchões, e a possibilidade de utilização de caixas de plinto e mini-tramp para o salto, são encontradas no evento.

Três estratégias de premiação são utilizadas pelo TSP como forma de estimular a participação das entidades em conjunto com um alto número de participantes. São premiadas as três melhores entidades participantes em cada nível, a entidade com o maior número de crianças participantes nos níveis B e C, e há ainda a premiação de todas as crianças participantes do evento, independente do desempenho.

¹⁰ Competição promovida pela FPG para ginastas a partir dos sete anos de idade, nas categorias Mirim, Pré-infantil, Infantil, Juvenil e Adulto. Possui cinco níveis de participação, cujas séries apresentam um formato livre, porém com exercícios obrigatórios.

O QUADRO 1 mostra mais claramente alguns aspectos definidos pelo regulamento do TSP para a competição feminina:

TSP FEMININO
Categoria/Nível Mirim (6-8 anos); Pré-Infantil (9-10 anos); Infantil (11-12 anos); Juvenil (13-15 anos); Adulto (16 anos em diante). <ul style="list-style-type: none">• Mirim: compete apenas nível C ou B• Demais categorias competem níveis A, B ou C.
Especificidades do Regulamento Séries obrigatórias no salto, paralela, trave e solo. Aparelhos adaptados para níveis B e C – salto: plintos; trampolim; mini-tramp. / paralela: apenas um barrote de 1,50 ou 1,55 m de altura / trave: altura de 80 cm para o nível C e 100 cm para o nível B / solo: pista reta. Para o nível A – salto: mesa de salto, trampolim ou mini-tramp; solo: pista reta / demais aparelhos oficiais.
Avaliação Os elementos obrigatórios de cada aparelho somam cinco pontos na nota da ginasta e a apresentação da ginasta vale 10 pontos. A despontuação é feita de acordo com critérios técnicos e posturais da Federação Internacional de Ginástica (FIG). Com 90% (54 pontos) ou mais da pontuação total, o ginasta é passado automaticamente para o nível acima (porém, é direito do professor optar pela passagem de nível, mesmo que a ginasta não tenha atingido a pontuação).

Premiação

Troféu para as três melhores entidades em cada nível através da soma das melhores notas de cada aparelho (15 maiores notas em cada aparelho para o nível C, 10 para o nível B e cinco para o nível A), independente da categoria.

Todas as ginastas receberão medalhas de participação e certificado.

A entidade com o maior número de participantes, apenas nos níveis C e B, receberá o troféu massificação.

É possível dizer que o TSP permite aos iniciantes e praticantes, seja da Atividade GA ou do Esporte GA, a experiência com o ambiente competitivo da modalidade, sobretudo visando atender às recomendações das teorias da pedagogia do esporte. Pensando neste aspecto, em relação ao TSP do ano de 2008 e seu regulamento vigente, ficou-nos a pergunta: será que o TSP atende a função de estimular a prática de GA em todos os níveis e faixas etárias, propiciando assim a massificação da modalidade?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de responder a nossa indagação sobre o TSP, inicialmente entramos em contato com a Federação Paulista de Ginástica para acessarmos a lista dos clubes, prefeituras e escolas que participaram da primeira fase do torneio no ano de 2008.

Nesta fase, o TSP contou com a participação de 477 meninas a partir dos seis anos de idade. Entre elas, 27% tinham entre seis e oito anos (mirim), 38% entre nove e 10 anos (pré-infantil), 21% entre 11 e 12 anos (infantil), 12% entre 13 e 15 anos (juvenil) e apenas 1% com 16 anos de idade em diante (adulto).

Em posse dos dados, refletimos sobre a possibilidade de efetivamente ouvir os técnicos envolvidos e então elaboramos um roteiro de perguntas abertas semi-estruturadas para a elaboração de uma entrevista. Essa técnica de coleta permite que, através do conteúdo expresso pelo sujeito da pesquisa, quer seja implícito ou não, identifiquemos opiniões e fatos sobre o fenômeno pesquisado. Ressaltamos ainda que neste tipo de entrevista, há a possibilidade de o investigador realizar modificações/variações que julgar necessária para atingir o objetivo do estudo em questão (NEGRINE, 2004).

Encontramos um total de 19 instituições e para critério de seleção dos técnicos a serem entrevistados, selecionamos aqueles que trabalhassem com ginastas femininas, sendo dois deles que participaram com menor número de ginastas (um oriundo de um clube e outro de uma prefeitura) e outros dois técnicos que participaram com maior número de ginastas (um de clube e um de prefeitura). Optamos pelo público feminino, pois o mesmo apresentou maior número de participantes. A opção de entrevistarmos técnicos apenas de clubes e prefeituras foi feita pelo fato de nessa fase do TSP haver apenas uma escola participante, não possibilitando a seleção de escola com maior e menor número de praticantes.

As entrevistas foram registradas utilizando-se um gravador digital de áudio e então transcritas. Para análise das informações coletadas optamos pela Análise de Conteúdo de Bardin (2004) e, portanto, três etapas de trabalho foram assim realizadas:

1. Pré-Análise: Realizamos uma leitura ‘superficial’ do texto, elaborando alguns temas e hipóteses possíveis de discussão;

2. Exploração do Material: no qual as categorias foram estabelecidas e, por sua vez, as unidades de registro (no caso do presente estudo foi o tema e não a frequência) e a unidade de contexto (são os segmentos do texto ou da mensagem que refletem o significado das unidades de registros).

3. Inferência: a pertinência e relevância de assuntos que pudemos obter para realizar uma análise.

Todos os quatro professores entrevistados possuem o ensino superior completo na área de educação física. Três deles possuem mais de 20 anos de experiência no trabalho com a GA e um apresenta apenas dois anos de experiência como professor de GA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são apresentados a seguir, na forma de quadros, contendo o nome da categoria contemplada, as unidades de registro (UR) e as unidades de contexto (UC).

Critério Para Formação De Turmas

Categoria	UR	UC
Critério para a formação de turmas	Nível técnico em treinamento	<p>T1: "...“a gente tem uma avaliação nossa, onde a criança ela tem determinados elementos a ser feito. Se ela conseguir um número de elementos ela é promovida pra outra categoria. Então, aqui mesmo na hora da inscrição ela é iniciante, é dentro desse critério que ela vai ser dividida em iniciante, intermediário e avançado”</p> <p>T2: “Então é assim, a parte de iniciação, são duas vezes por semana, de terças e quintas, é uma hora e meia cada treinamento, nesse grupo, depois a equipe de treinamento mesmo, elas treinam das duas a cinco e meia de terças e quintas,...”</p> <p>T3: “...então eu divido minha turma não por idade, mas pelo nível que a criança está...”</p> <p>T4: “...depois a gente vai agrupando o pessoal, se apegando mais no nível técnico...”</p>
	Nível técnico em competição	T1: “A gente usa também o Troféu São Paulo como uma avaliação, tá?”
	Idade	T4: “...a divisão no início, quando eles estão entrando, é feita por idade...”

Em todas as entidades entrevistadas, um dos critérios para a organização das turmas é o nível técnico de execução das habilidades da modalidade. É possível que este agrupamento de crianças por níveis de habilidade semelhantes seja utilizado por facilitar o formato das aulas e o processo de ensino-aprendizagem das crianças. Ao se estabelecer uma relação com o evento TSP, esta organização parece não interferir na preparação para a participação, uma vez que os níveis das séries da competição são formados por habilidades e não por idade (FPG - Regulamento TSP 2008).

Outro critério mencionado como importante para a alocação de uma criança em uma turma é o próprio desempenho que ela obteve com sua participação no TSP. Dessa forma, uma aluna que apresentar bom desempenho durante o evento, pode vir a fazer parte de uma turma com um nível técnico mais avançado.

A divisão por nível técnico e não por idade parece ser possível no ambiente de modalidades individuais, ao contrário do que ocorre com as modalidades coletivas. Certamente, este tipo de organização exige do professor/técnico criatividade, sensibilidade e capacidade de observação, para manter indivíduos em estágios bastante distintos de desenvolvimento, motivados. Nesta direção, as próprias séries do TSP, como será possível notar na categoria OBJETIVOS, parece ser um fator facilitador dentro deste processo.

Infra-estrutura

Categoria	UR	UC
Infra-estrutura	Suficiente	<p>T1: “É, nós temos todos os aparelhos, tá?”</p> <p>T1: “Estão de acordo (<i>com o nível de treinamento</i>) e eu acho que os nossos aparelhos é...não ficam a desejar.”</p> <p>T2: “Então, o que a gente tem aqui no clube, sim tá? Pra esse..pra esse nível sim, até pra algumas...ahh... até a Copa São Paulo a gente tem como treinar... nós temos todos os equipamentos tá, exceto a mesa de salto, ainda nós não temos né, mas elas vão se..se habituando...”</p> <p>T3: “Hoje, a partir de fevereiro eu vou estar com todos os aparelhos. Só não vou ter o quadrado do solo, mas eu vou ter uma reta com um pouco de impulsão. Pela primeira vez!”</p> <p>T4: “...o ginásio da <i>instituição 4</i> e um ginásio novo, então ele tem uma... todo equipamento oficial... os aparelhos oficiais de competição nos temos todos e um ou outro auxiliar...”</p>

Dentro da GA, quanto maior for a disponibilidade de aparelhagem, maiores são as possibilidades e combinações possíveis. Russel e Kinsman (1986), quando versam sobre os Padrões Básicos de Movimento, sugerem que os aparelhos sejam utilizados das formas mais variadas, objetivando proporcionar ao aluno uma vasta experiência motora.

Todas as instituições que fizeram parte deste estudo apresentam em seus ginásios um conjunto de aparelhos da Ginástica Artística feminina, porém com algumas ressalvas, como no caso do T2, mencionando que em seu ginásio não há o aparelho mesa de salto, tendo que ser adaptado durante os treinos. No caso do T3, o ginásio possui a maioria dos aparelhos oficiais, mas ainda não conta com um tablado de solo com dimensões oficiais, no entanto, este fato parece não interferir nos treinamentos para a participação no TSP, uma vez que, em todas as categorias, as provas de solo são realizadas em uma pista reta, que pode ser feita do mesmo material de um tablado oficial ou de colchões.

No caso de crianças iniciantes na modalidade e de praticantes da Atividade GA, dispor apenas dos aparelhos oficiais de GA pode tornar o trabalho dificultoso no sentido da necessidade de adaptar estes aparelhos as possibilidades de uso das crianças. A criatividade com o uso de materiais auxiliares, nesta fase do aprendizado, parece ser um fator tão importante quanto a existência da aparelhagem oficial.

Opinião sobre o evento

Categoria	UR	UC
Opinião sobre o evento	Positiva	<p>T1: “Particularmente eu gosto tá, eu gosto do troféu, faço questão de a Instituição 1 sediar o evento tá...”</p> <p>T2: “Eu acho que é um... um dos eventos mais importantes da federação tá, é também uma festa muito bonita sabe, a integração dos clubes sabe, o pessoal vai lá, se encontra, você vê o que um tá fazendo, o que o outro tá fazendo...”</p> <p>T3: “Eu gosto, eu gosto, acho assim...ahn...pras crianças ó, é justamente o C,B e A, essa mudança de letra, tem uma motivação muito grande (...)”</p> <p>T4: “É como eu falei, é, é um evento bom pro pessoal que tá iniciando em competições, querendo mostrar..., incentivando as crianças, que todas ganham medalha de participação, essas coisas todas... e pra quem quer mostrar também resultado praa... pra quem te contrata né, assim tipo no caso da prefeitura, num sei o que, que você</p>

		vai lá com um monte de criança sem precisar, sempre traz medalha, as crianças voltam felizes...” T4: “Ah, dizer que, como eu já disse antes, que o TSP é uma competição importante que a Federação faz que estimula... incentiva as crianças a estarem participando de competições e serve também pra muitos treinadores como um parâmetro de treinamento pra iniciação.”
	Negativa	T1: “...aquela demora do Troféu que é triste né.”

De modo geral, os técnicos entrevistados avaliam positivamente o evento. No entanto, há que se ressaltar que não existe nenhum outro evento similar ao TSP que sirva como modelo para comparação.

Os técnicos concordam que o TSP é importante para os iniciantes, pois é uma forma de incentivar as crianças à prática da modalidade, tanto pela forma como o regulamento foi elaborado, com a progressão de níveis, quanto pelo fato da premiação ocorrer para todos os indivíduos. Tanto a questão da premiação, como a inserção progressiva no ambiente competitivo, são apontadas pela literatura (BOMPA, 2002) como sendo fatores desejáveis para a inclusão da criança no contexto competitivo.

T4 mencionou considerar o evento importante, pois, além de outros fatores, “serve também pra muitos treinadores como um parâmetro de treinamento pra iniciação”. Este fato pode revelar a falta de referenciais dentro da modalidade, para a organização de um programa de iniciação. Além disso, corroborando com Tsukamoto (2004), ter como parâmetro de um programa as séries de um evento, pode cercear a possibilidade do praticante de desenvolver um repertório de movimentos mais amplo, uma vez que o trabalho durante as aulas se restringiria às ações determinadas pelas séries.

Critério para a participação

Categoria	UR	UC
Critério para a participação	Desempenho técnico	T3: “Normalmente se ela chega a um determinado ponto, que eu não vou levar ela pra passar vergonha... A criança tem que tá limpa, encaixe de corpo, sabe, postura, isso é o principal, saber como realiza um movimento...”
	Desempenho nos aparelhos	T1: “...“Aquela criança que está fazendo os 4 aparelhos...“Aquela criança que está conseguindo fazer uma série inteira...Que tá pelo menos conseguindo fazer né.... pelo menos uma série limpa, é... uma série que dê pra você mostrar.” T2: “...o objetivo é sempre levar fazendo os quatro aparelhos, se tiver algum aparelho que não vai fazer aí a gente não leva.” T4: “...a gente procura levar quem faz série em todos os aparelhos, mas se acontecer de não tá fazendo a série completa em algum aparelho, tudo, a gente leva do mesmo jeito, ajuda, por que tem a possibilidade de estar ajudando, tem uma penalização mas a criança vai estar fazendo do mesmo jeito.”

Ao selecionarem os critérios para a participação, os técnicos admitem que o nível de habilidade da criança é um fator decisivo para a participação na competição. Ao adotarem esta postura, os técnicos demonstram preocupação tanto com a imagem de suas atletas quanto com a imagem da qualidade do trabalho realizado com elas, pois, de certa forma, tenta-se evitar a exposição das crianças às avaliações negativas.

Dessa maneira, nem todas as crianças que participam das aulas/treinos têm a oportunidade de participar do evento. Esse fato pode ser observado em T1, T2 e T3. Já T4

oferece a oportunidade a todas as crianças, uma vez que leva à competição ginastas que nem sempre realizam as séries de acordo com seus padrões técnicos.

É importante notar que, sendo um dos critérios dos técnicos para a participação de suas ginastas, o desempenho nos quatro aparelhos, é possível que se estas entidades não dispusessem destes materiais, os mesmo não participariam do evento.

Objetivo da participação

Categoria	UR	UC
Objetivo da participação	Experiência em competição	T4: "...dar experiência pras crianças né, que como a gente iniciou a competição ano passado, quanto mais elas participassem é... mais tranquilas elas iam ficando..."
	Motivação	T2: "...E criança gosta de competir, então a gente colocando uma meta pra ela e colocando que ela tem que alcançar uma nota pra ela passar de nível, ela mesma acaba se incentivando mais." T3: "A motivação... por que pra criança, por incrível que pareça, passa prum "C", prum "B" prum "A", é mais importante do que aquela medalha de primeiro, segundo, terceiro lugar..." T4: "...dar incentivo a elas durante o ano..."
	Visibilidade	T4: "... também mostrar o trabalho com resultado mostrar nosso trabalho pra prefeitura.

A participação no TSP parece apresentar grande importância no desenvolvimento do programa de aulas das entidades participantes deste estudo. Os aspectos apontados pelos técnicos, como relevantes na decisão em participar do TSP, apresentam coerência com os objetivos do evento TSP, no que diz respeito ao estímulo à prática da modalidade. Fatores como o estabelecimento de metas, o enfrentamento de um processo de avaliação, a comparação com outras praticantes e vivenciar uma situação incomum ao ambiente das

aulas de iniciação à modalidade, evidenciam a abrangência deste evento frente aos olhares dos técnicos.

Outro fator de importância do TSP, levado em consideração neste estudo, foi a oportunidade de demonstrar o resultado do trabalho realizado. Para o T4, que atua junto a uma instituição pública municipal, o evento pode atuar como a possibilidade da continuidade do programa que vem sendo desenvolvido e isto se relaciona diretamente com o resultado dos ginastas nas competições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a Atividade Física quanto o Esporte permeiam a prática das modalidades esportivas, e as crianças devem ser contempladas com os benefícios de ambos os contextos do ambiente esportivo, incluindo o tema da competição. É delicado abordar as possibilidades de como oferecer este trabalho de forma concisa, tanto para suprir as necessidades do processo de formação na GA quanto para adequar este procedimento ao desenvolvimento pleno da criança.

Ao oferecer o TSP, a FPG dá um passo importante nesse sentido, pois a competição visa contemplar a participação de todos, conforme seu regulamento. Entretanto, isso ocorre parcialmente, uma vez que pudemos verificar nas entrevistas que a participação no evento acaba ficando restrita às ginastas que conseguem desempenhar séries completas, às vezes nos quatro aparelhos.

É importante salientar aos treinadores, portanto, que a apresentação em todos os aparelhos, assim como a execução das séries completas não é requisito no TSP, e desta forma, a participação de todas as crianças, de um mesmo grupo, torna-se possível.

Outra forma de possibilitar a participação de mais ginastas neste evento seria o técnico adequar o seu objetivo de participação com o critério para a participação. Ao levar em consideração o tempo de preparação que a ginasta tem até o TSP, ao invés de escolhê-la pelo seu nível técnico ou formar uma turma somente com as meninas melhores preparadas, o treinador deveria permitir que as crianças, independente das condições da execução dos exercícios, se apresentassem no evento, possibilitando a elas maior experiência em

competições e estimulando a motivação. Nesta fase, a participação deve ser exaltada ao resultado.

Talvez esse evento ainda não consiga contemplar todo o público ao qual está destinado, por uma falta de orientação aos técnicos. Convém ressaltar que os técnicos e os responsáveis pelo evento, no caso a FPG, deveriam manter um relacionamento mútuo no sentido de explorarem as necessidades e impulsionarem melhorias tanto no direcionamento do evento ao público alvo quanto no próprio ambiente onde ocorre o processo de ensino-aprendizagem da modalidade.

Neste sentido, parece conveniente a idéia de que o trabalho da FPG, ao elaborar regras e propor estratégias para conduzir eventos como o TSP, ocorresse em conjunto entre seu comitê técnico, uma comissão pedagógica e outros técnicos envolvidos e interessados pelo evento, mas que não fazem parte deste comitê. Apesar do TSP ser um evento sem limite de idade máxima, a maioria de seus participantes são crianças bastante novas e isso deve ser levado em consideração quando prima-se pelo desenvolvimento da criança como indivíduo.

Mas ainda, restou-nos a dúvida sobre o que impede a massificação no TSP. Seria apenas o modelo de competição oferecida ou os treinadores e entidades também contribuem para isto?

É possível que a imagem que os técnicos têm da FPG seja errônea no sentido deles acreditarem que o esporte promovido por ela seja apenas aquele que implica no esporte competitivo e de desempenho, e não no esporte para todos. Talvez, pelo fato de apenas ginastas que realizam séries completas nos quatro aparelhos participarem da competição, o nível de habilidade encontrado no TSP possa afastar a participação de entidades que possuem praticantes de níveis mais baixos. Ao visualizar o evento acontecendo com essas características, é provável que entidades que não possuem os quatro aparelhos ou que não tenham alunas tão habilidosas, vejam o TSP como um evento destinado apenas para iniciantes do Esporte GA, e não para praticantes da Atividade GA.

Em consulta ao regulamento do TSP elaborado para os anos de 2010 á 2012, foi possível observar que houve uma alteração na forma de avaliação das séries, onde a execução de todos os elementos somam seis pontos na nota da ginasta, e não mais cinco.

Além disso, a forma de apresentação das séries está mais clara, facilitando o entendimento do conteúdo. Contudo, não foram observadas alterações quanto ao conteúdo das séries.

Não é possível concluirmos se tais alterações são suficientes para sanar o problema encontrado no presente estudo, portanto, sugerimos que outros estudos sejam feitos com o objetivo de verificar melhorias no evento citado.

Um direcionamento que já está em fase de aplicação é a criação de outro evento pela FPG, chamado “Festival de GA”. Com este novo evento, é possível que a FPG consiga contemplar o público a qual o TSP se destina em teoria, preenchendo esta lacuna. Acreditamos que estes esforços devem ser realizados em conjunto entre a FPG, as entidades e os técnicos, para que consigamos assim oferecer uma inserção mais abrangente às crianças, futuro de nossa modalidade.

REFERÊNCIAS

ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 45-50, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOMPA, T. O. **Treinamento total para jovens campeões**: Programas comprovados de condicionamento para atletas de 6 a 18 anos. Barueri: Manole, 2002.

CRATTY, B. J. **Psicologia do esporte**. 2ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE GINÁSTICA. Troféu São Paulo 2008. Ginástica Artística Feminina. Regulamento Geral. Disponível em: <http://www.ginasticas.com/conteúdo/cont_entidades_fpg_2008.html>. Acesso em: 31 out. 2008.

_____. Troféu São Paulo 2010. Ginástica Artística Feminina. Regulamento geral. Disponível em: <http://www.ginasticas.com/conteúdo/cont_entidades_fpg_2010.html>. Acesso em: 14 abril 2010.

_____. Estatuto da Federação Paulista de Ginástica 2003. Estatuto vigente. Documentos diversos. Disponível em: <http://www.ginasticas.com/conteúdo/cont_entidades_fpg_2008.html>. Acesso em: 20 fev. 2009.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. **Desporto para Crianças e Jovens**: Razões e Finalidades. Porto alegre: Editora da UFRGS, 2004.

- LOPES, P. **Motivação e GA formativa no contexto das atividades extracurriculares.** 2009. 250f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, USP, São Paulo, 2009.
- MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte:** da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V. TRIVIÑOS, A. N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física.** Porto Alegre: UFRGS Editora Sulina, 2004.
- ROSE JUNIOR, D. A criança, o jovem e a competição esportiva: considerações gerais. In: ROSE JUNIOR, D. (Org). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência:** uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
- RUSSELL, K.; KINSMAN, T. **Coaching certification manual:** introductory gymnastics. Ontario: Canadian Gymnastics Federation, 1986.
- SAWASATO, Y. Y.; CASTRO, M. F. C. A dinâmica da Ginástica Olímpica (GO). In: GAIO, R.; BATISTA, J. C. F. (Org). **A ginástica em questão:** corpo e movimento. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2006.
- TSUKAMOTO, M. H. C. **A Ginástica Olímpica no contexto da iniciação esportiva.** 2004. 142f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, USP, São Paulo, 2004.
- WEINBERG R. S.; GOULD D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício.** 2ed Porto Alegre: ArtMed, 2001.

Contatos dos Autores:

cindyupiniquim@gmail.com
mcarbinatto@yahoo.com.br
iquehuck@yahoo.com.br
paulocarrara@gmail.com
priscalopes@yahoo.com.br
fransergius@yahoo.com.br
professorxavier1@yahoo.com.br
rodrigoscarron@fc.unesp.br
maharumi@usp.br

Recebido para publicação: 18/11/2009

1ª Revisão: 12/04/10

APROVADO: 25/04/10

